

OPINIÃO

O papel do Data Security Posture Management na economia do Brasil em 2026

Thiago N. Felipe (*)

A economia brasileira em 2026 é uma economia baseada em dados.

Esse novo petróleo, no entanto, nem sempre é gerido de forma a sustentar o crescimento do Brasil. Dados fluem continuamente entre “n” plataformas na nuvem, aplicações SaaS, endpoints usados pelos colaboradores e ferramentas de IA generativa. Administradores com privilégios sentem-se livres para criar suas próprias infraestruturas e dados, backups são gerados fora das políticas corporativas e engenheiros de teste criam subconjuntos de dados. Essa multiplicidade de repositórios de dados cria pontos cegos que as soluções tradicionais de segurança de dados não estão preparadas para resolver. Como resultado, as equipes de segurança podem acabar se focando apenas nos dados que lhes foram solicitados, perdendo de vista dados potencialmente confidenciais sendo processados em outros locais. Varreduras estáticas, visibilidade pontual e insights baseados em dashboards não conseguem acompanhar a forma como os dados são criados, copiados, transformados e compartilhados hoje.

Segundo um estudo da Cloud Security Alliance de março de 2025, esse contexto aumenta de forma exponencial a vulnerabilidade das empresas aos cyber ataques. O levantamento apontou que 35% das violações de dados realizadas em 2024 atingiram dados ocultos, processados em repositórios desconhecidos. 80% dos líderes entrevistados pela Cloud Security Alliance reconheceram, ainda, que não confiam em sua capacidade de identificar fontes de dados de alto risco; 48% não contam com uma equipe preparada para essa batalha.

Mapeamento e proteção de dados estratégicos

É nesse momento que ganha destaque a disciplina Data Security Posture Management (DSPM – Gerenciamento de Postura de Segurança de Dados). Esse conceito criado pelo Gartner e objeto de um estudo divulgado em agosto de 2025 colabora para que CIOs e CISOs realizem avaliações de risco de todos os dados da organização, mapeando dados estratégicos em ambientes estruturados e não estruturados. O relatório do Gartner de 2025 indica que mais de 20% das empresas globais priorizarão os projetos DSPM em 2026. Por trás dessa tendência está o fato de que, em 2025, os dados globais chegaram à marca de 181 zettabytes.

A disciplina DSPM revela onde estão os dados confidenciais, quem tem acesso a esses dados, como eles foram usados e qual é a postura de segurança dos dados ou da aplicação. Soluções baseadas nesse modelo aumentam a visibilidade ao rastrear dados confidenciais, como PII e PHI, detectando “Shadow Data”, ameaças internas e padrões de risco em tempo real. Para os analistas, o modelo DSPM é especialmente estratégico para lidar com a explosão de dados criados e modificados pela IA generativa.

Nessa jornada, muitas organizações implementam plataformas DSPM. A meta é avaliar de forma contínua, 24x7, o estado atual da segurança dos dados, identificando e classificando riscos e vulnerabilidades potenciais. É possível, ainda, adotar integrações personalizadas com soluções de gerenciamento de identidade e acesso (IAM), SIEM e SOAR. A meta é reduzir o risco de terceiros e usuários com permissões excessivas. Numa era em que supply chains estão se mostrando especialmente vulneráveis, trata-se de um recurso estratégico. Outro ganho diz respeito aos relatórios de conformidade para auditoria em LGPD, HIPAA etc – algo crítico num momento em que regulamentações, e multas, se multiplicam. A plataforma DSPM pode, também, implementar controles de segurança para mitigar os riscos. Sua atuação é contínua, melhorando a postura de segurança para garantir que a política de proteção de dados seja eficaz mesmo em ambientes multicloud e na era da IA.

Inteligência para redesenhar processos e implementar o DSPM

Nenhum desses objetivos será alcançado, no entanto, se a empresa usuária não contar com a inteligência para implementar as plataformas DSPM e avançar em seus processos de proteção de dados. Trata-se de um grande desafio. Um estudo da consultoria Marsh & McLennan revela que, entre as empresas norte-americanas que estão se preparando para avançar na disciplina DSPM nos próximos 18 meses, seus principais desafios são treinamento de pessoal (66%), otimização de processos (51%) e consolidação de ferramentas (47%).

Para disseminar no mercado brasileiro as boas práticas em DSPM, os CIOs e CISOs contam com ecossistemas de canais preparados para suportar a empresa usuária em toda a jornada DSPM, do projeto à gestão (Managed Services). Por trás desses ecossistemas está um perfil de distribuidor que atua como hub de inteligência em cybersecurity. Para isso, além de facilitar o acesso do cliente final ao que há de mais avançado em cybersecurity por meio de ofertas de câmbio e soluções tributárias diferenciadas, esse distribuidor especializado em proteção de dados forma seus parceiros em disciplinas disruptivas como a DSPM. A meta é complementar os skills do time do canal com a expertise dos profissionais de cybersecurity do distribuidor.

Essa soma de forças aterrissa os projetos de DSPM, suavizando o inevitável atrito da entrada em cena de uma disciplina que atua 24x7 para descobrir, mapear e reorganizar os dados estruturados e não estruturados da empresa. O coração da nossa economia é o dado. Em 2026, sairá na frente quem tratar esse ativo com respeito, deixando no passado o caos de dados criados e compartilhados sem visibilidade e sem controle.

(*) CEO da Aiqon, hub de inteligência em cybersecurity.

O discombobulador, uma nova arma secreta dos EUA?

Países que desafiam os Estados Unidos podem passar a enfrentar um novo armamento projetado para paralisar defesas, desorientar tropas e instaurar o pânico.

Vivaldo José Breternitz (*)

Em uma entrevista ao *New York Post*, o presidente Donald Trump revelou que as forças americanas utilizaram o que ele chamou de “discombobulador” durante o ataque desfechado para capturar Nicolas Maduro.

Trump disse ao jornal que não estava autorizado a dar detalhes sobre o discombobulador, disse que a tecnologia “fez com que os equipamentos dos venezuelanos deixassem de funcionar” durante o ataque, que resultou em cerca de 100 mortes.

Em tom triunfalista, Trump afirmou que “eles tinham foguetes russos e chineses e não conseguiram disparar nenhum. Nós chegamos, eles apertaram os botões e nada funcionou. Estavam prontos para nos receber, mas nada aconteceu”, atribuindo a falta de reação dos venezuelanos ao discombobulador.

Especialistas e fontes do governo americano sugerem que o termo “discombobulador” pode ser uma simplificação de Trump para referir-se a um conjunto de diferentes sistemas. Segundo o *New York Times*, os EUA realizaram um ataque cibernético em larga escala que sabotou a infraestrutura elétrica e os radares de defesa aérea da Venezuela.

Além disso, a Casa Branca relatou que as tropas venezuelanas foram atingidas por uma “onda sonora de alta intensidade”. A descrição coincide com o *Active Denial*



System, uma arma não letal projetada para aquecer alvos a distância, inclusive a pele humana, causando dor insuportável e desorientação imediata.

A ofensiva de Washington não se limitou a alvos militares. Infraestruturas civis estratégicas foram deliberadamente atingidas, incluindo o Instituto Venezuelano de Investigações Científicas (IVIC). Localizado a cerca de 18 km da instalação militar mais próxima, o instituto sofreu danos severos em seus laboratórios de física, química e pesquisa nuclear.

O Porto de La Guaira, principal hub de logística internacional do país, também

foi alvo de bombardeios. De acordo com o portal pró Maduro *Venezuela Analysis*, estoques de medicamentos foram destruídos, agravando a crise de saúde pública. O governo brasileiro mobilizou uma resposta de emergência para enviar suprimentos para diálise e medicamentos básicos ao país vizinho.

Quanto ao discombobulador, resta aguardar para ver se é realmente uma nova arma ou mais uma das afirmações exóticas de Trump.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Mitsubishi Electric Brasil mantém cursos e webinars gratuitos em 2026

A Mitsubishi Electric Brasil, uma das líderes mundiais em tecnologia, automação industrial e soluções para diversos segmentos, segue investindo no desenvolvimento técnico do mercado e na disseminação de conhecimento especializado. Para este ano, a companhia dará continuidade à sua agenda de cursos online e webinars gratuitos, voltados a profissionais, parceiros, estudantes e interessados nas soluções da marca.

Embora o calendário oficial de webinars ainda esteja em definição, a empresa reforça que a iniciativa permanece como um dos pilares de sua estratégia de relacionamento e capacitação, com conteúdos atualizados, especialistas convidados e foco em tendências, aplicações práticas e boas práticas do setor.

Além dos webinars, a Mitsubishi Electric Brasil mantém disponível um portfólio robusto de cursos online gratuitos por meio de sua plataforma EAD, que continuará sendo expandido ao longo de 2026. Os treinamentos permitem que os participantes estudem no próprio ritmo, com acesso remoto e conteúdos desenvolvidos para atender diferentes níveis de conhecimento.

Atualmente, a plataforma reúne cursos que abordam temas como fundamentos



e aplicações de tecnologias da empresa, soluções em automação industrial e eficiência energética, além de conceitos técnicos, operacionais e de manutenção.

“Acreditamos que compartilhar conhecimento é essencial para impulsionar a inovação, a eficiência e a evolução do mercado. Por isso, seguimos investindo em iniciativas educacionais acessíveis, que apoiam a formação técnica e o desenvolvimento profissional”, destaca Alexandre Serain, Gerente de Marketing da Mitsubishi Electric Brasil.

Os cursos contam com materiais didáticos, módulos estruturados e certificação ao final do treinamento, reforçando o compromisso da companhia com a formação contínua e a qualificação profissional.

A oferta de cursos e webinars gratuitos faz parte da atuação da empresa para contribuir com o desenvolvimento do setor, aproximar a marca de seus públicos e fortalecer o ecossistema de profissionais capacitados a trabalhar com tecnologias de ponta (<https://mitsubishielectric.eadplataforma.app/>).

News @ TI

Distrito e Notion firmam parceria

o Distrito, especialista em inteligência artificial (IA) e transformação estratégica, anuncia uma parceria com a Notion com o objetivo de apoiar startups do ecossistema no acesso a ferramentas de ponta para organização e produtividade desde os estágios iniciais dos negócios. A iniciativa acontece por meio do GenAI Lab, programa do Distrito de alta densidade em IA e automação. As startups selecionadas terão acesso a até seis meses gratuitos do plano Notion Business

já com a funcionalidade Notion AI incluída. Com vasta experiência no fomento ao empreendedorismo, o Distrito destaca que a aliança facilitará a centralização e organização de documentos, projetos, processos e informações em um único ambiente. “Este é um passo fundamental para ajudarmos as companhias a eliminarem gargalos de integração e falta de visibilidade, fatores que podem travar o crescimento. Transformar o fluxo do dia a dia impacta diretamente na inovação”, explica Gustavo Gierun, CEO do Distrito.

ricardosouza@netjen.com.br